

# PRECURSORES LITERÁRIOS EM MILTON HATOUM: NOTAS SOBRE UM PROJETO DE AUTORIA

*Aides José Gremião Neto* (FFP-UERJ)  
[aidesgremiaoneto@gmail.com](mailto:aidesgremiaoneto@gmail.com)

## RESUMO

O presente trabalho se dedica a analisar duas produções literárias de Milton Hatoum para sondar os elementos fundadores de seu projeto de autoria. Tomando como objetos de estudo principais o livro de poesia lançado pelo escritor em 1979, intitulado “Amazonas: palavras e imagens de um rio entre ruínas” (HATOUM *et al.*, 1979), e sua crônica intitulada “‘A parasita azul’ e um professor cassado” (HATOUM, 2005a), publicada na extinta revista *EntreLivros* entre 2005 e 2007, pensaremos, amparando-nos nas considerações de Pierre Bourdieu (1968) sobre “campo intelectual” e Dominique Maingueneau (2001) sobre “campo literário” e “ritos de escrita”, alguns fundamentos da poética hatouniana, como por exemplo as influências de alguns precursores literários. Mostraremos como as estratégias dessas duas obras coincidem com um escopo intelectual análogo ao conceito de “contemporaneidade” proposto por Giorgio Agamben (2009) em “O que é o contemporâneo”, assim como evidenciaremos de que forma tais aspectos basilares da escrita hatouniana estão dispersados tanto em suas obras literárias, quanto em seus agenciamentos e posicionamentos no campo literário. O amálgama das discussões terá como intuito apontar marcas recorrentes no projeto literário de autoria do escritor.

### Palavras-chave:

Contemporaneidade. Milton Hatoum. Projeto literário.

## 1. Introdução

O presente estudo objetiva revelar parte do caminho da pesquisa desdobrado no percurso do Mestrado. Assim, tal como na dissertação intitulada “Campo intelectual e projeto literário: as crônicas de Milton Hatoum na revista *EntreLivros*”, aqui analisaremos algumas estratégias literárias recorrentes no projeto de autoria hatouniano, representado por duas modalidades pouco exploradas pela crítica e pela academia, a poesia e a crônica. Desta forma, teceremos alguns comentários, que no título deste escrito chamamos de ‘notas’, sobre alguns precursores literários de Milton Hatoum, buscando evidenciar marcas do projeto literário do autor.

Em respeito à delimitação espacial deste trabalho, selecionamos uma crônica, dentre as 32 publicadas por Milton Hatoum na extinta revista *EntreLivros*, “‘A parasita azul’ e um professor cassado” (HATOUM, 2005a). Como dissemos no resumo, também traremos à baila

algumas considerações sobre a primeira obra editorial do escritor, mais especificamente tendo como cerne investigativo o primeiro poema do livro “Amazonas: palavras e imagens de um rio entre ruínas” (HATOUM et al., 1979), a fim de evidenciar que a presença de alguns precursores literários são marcas importantes para pensar construção das estratégias ficcionais em Milton Hatoum. Essa empreitada implicará a existência de um olhar crítico fundado em um tripé metodológico: 1. De um lado, será profícuo uma análise literária, com a leitura cerrada das obras; 2. Também será proveitoso traçar paralelos entre os textos analisados; 3. Por fim, será preciso, ainda, sugerir de que forma o uso de algumas estratégias literárias que se desnudam nessas crônicas marcam a presença de uma posição do escritor naquilo de Pierre Bourdieu (1968) e, mais tarde, Dominique Maingueneau (2001; 2006) cunharam de *campo literário e campo intelectual*.

## **2. Escrever a ruína: reescrever a história**

Falar em ruína é revisitar uma tradição filosófica que reinventou o campo dos estudos sociais, sobretudo o campo das pesquisas sobre História. Esta tradição tem suas raízes fíncadas em Friedrich Nietzsche, já no século XIX e suas bases sedimentadas com Walter Benjamin, no século XX. Outrossim, tratar de ruína nos impele a pensar, também, no cerne do projeto literário de Milton Hatoum, quando o autor publicou, dez anos antes do romance que o consolidou no mercado editorial, *Amazonas: palavras e imagens de um rio entre ruínas* (HATOUM et al., 1979). Ainda que este livro de imagens e poesia – em que Milton Hatoum fora responsável por toda a parte escrita do volume – não tenha tido muita saída editorial, é instigante operarmos esse movimento retrospectivo pelas razões que se seguem. Em primeiro lugar, é possível enxergarmos já nesta publicação algumas linhas de força que, mais tarde, estariam presentes nos romances do escritor, como é o caso do diálogo intenso com a memória, a existência de certo vínculo temático com o Norte, sobretudo com a cidade de Manaus, a reescrita da história a partir de uma operação crítica com o passado e a presença de alguns precursores literários, como é o caso de Euclides da Cunha, como apontou Susana Scramim (2000; 2010) em dois de seus instigantes estudos sobre o autor. Em segundo lugar, convém destacar a existência do primeiro poema deste volume, “Rio entre ruínas”, e do ensaio de autoria de Hatoum – que precede este poema –, denominado “Amazônia: um ciclo de sono e violência ou Motocú, o Demônio, cumpriu sua missão”. Isso se deve porque, embora a

poética do escritor tenha uma grande e rica fortuna crítica, poucos são os estudos que se debruçam sobre essa obra do autor tão rica de inferências acerca de suas crenças literárias. Em terceiro plano, acreditamos que a intersecção entre essa obra e as duas crônicas recortadas é proveitosa, haja vista que estas crônicas, como veremos adiante, traz a presença de um precursor literário que é já marcante no livro de poesia, primeira obra editorial de Hatoum – reiteramos. Sobre este quesito, podemos considerar o conjunto de crônicas da *EntreLivros* também como uma espécie de estreia do escritor, isto é, como estreia no gênero crônica, dado que este volume contém as primeiras crônicas publicadas regularmente por Hatoum.

Retomando a temática que rege este capítulo, vamos à “ruína”, começando pelo movimento sinuoso do poema “Rio entre ruínas”(HATOUM *etall*, 1979, n.p.), ou seja, pelo convite que o seu eu-lírico faz ao leitor atento: percorrer um espaço lacunar, ao mesmo tempo orientado por um tratamento trágico em relação a sua ambientação e por um posicionamento que assume o risco do devir, da ausência de significação plena, teleológica:

Rio entre ruínas

Que sobrou de ti?  
Que outra folha brotar?  
Que rugido ainda escorrer?  
Rosnar? remar? roçar? sussurar  
Qual verde?

Tua história é remoção  
e tua face em planície  
já desabriga sonhos, e o úmido  
se esvaiu no árido, se infiltrou  
nas ranhuras de tantas máscaras.

O que de ti era templo  
já não rima mais com incenso.  
E o que se dizia pulmão ou plumária  
se irmana ao latejo de fogo  
à semelhança de oásis  
à semelhança de país antojo  
alojado no íntimo de um continente.

Planície e país finalmente se entrelaçam  
não em gravetos ou essência.  
Se entrelaçam em farpas e gaiola  
como um pássaro que ao voar desaba  
e cai no desconhecido

cai sobre o mais disforme  
sobre matéria que não é mais única  
que não é plana ou funda  
que não é rio ou relva  
e que já pode ser tudo:  
Maranhão, degelo, Ucrânia.

Matéria que pode ser sintoma  
de convulsões da Terra  
de cisão entre homens  
de refração do verde  
em cores menos férteis  
em tonalidade pardas  
talvez matizes de sanha  
ou eco de vozes, da água  
do invisível da selva.

Ecos,  
do teu mais erótico verbo.

Cabe, antes de tecermos uma breve reflexão sobre o poema, son-  
dar um paratexto importante e, ainda, contextualizar melhor a obra para  
que, deste modo, preparar o solo das inferências sobre o poema. No en-  
saio supracitado, “Amazônia: um ciclo de sono e violência ou Motocu, o  
Demônio, cumpriu sua missão”, há um endereçamento temático, que  
norteia todas as produções do livro, sejam elas os poemas de Hatoum ou  
as imagens capturadas por outros autores. O narrador deste ensaio poéti-  
co se concentra em parte da história de espoliação porque passou Ma-  
naus, desde o século XVI até o século XX. Fazendo uma análise que  
nunca perde de vista as consequências ecológicas e sociais que a mirada  
do capital financeiro deixou como legado, o narrador instaura como pon-  
to de partida do livro o vínculo temático com a região Norte, denotando  
um tom político a ser presentificado em todas as obras deste volume. É  
nesta perspectiva que, já no paratexto, há um enquadramento temático do  
poema citado com a região Norte, conduzindo-nos a enxergar tal rio  
como o Amazonas e o espaço retratado pelo eu lírico como Manaus.

Neste poema, como Susana Scramim (2000, p. 23-31) já ressaltou,  
em “As ruínas amazônicas”<sup>1</sup>, há um diálogo claro com a obra de Euclides  
da Cunha “Os Sertões, Contrastes e Confrontos e À margem da história”;

---

<sup>1</sup> Estudo disponível na revista *Babel* (2000), juntamente com o poema de Milton Hatoum  
acima transcrito.

há também o tema da alegoria das águas e aficcionalizaçãodo Norte, evidenciando a espoliação dos recursos naturais feita, desde o século XVII, por meio da exploração da mão de obra indígena na coleta e cultivo de produtos agrícolas, até meados do século XX, momento em que empresas do agronegócio fixam-se no local, influenciadas pelo crescimento demográfico e pela facilidade na instauração de seus negócios no que concerne à mão de obra barata e à facilidade e favorecimento legal de suas atuações.

A ‘ruína’ que aparece no título assume a forma das cruéis consequências delegadas à natureza e à cultura da região Norte pelo capital, assim como instaura um movimento reflexivo da própria escrita, o qual dá vazão às indagações iniciais do eu lírico, presentes na primeira estrofe. A indagação desses primeiros versos conclama o leitor a se inserir na apreensão reflexiva que encabeça todo o poema: o lugar da dúvida, ou melhor, do dever como intensificação das potencialidades da linguagem. Este último estatuto da ruína enquanto lugar de reflexão, e, neste caso, de trauma, em relação a um passado – cujas implicações no presente (do eu lírico e do nosso, em um olhar anacrônico) são evidentes – faz-nos reportar aos pressupostos críticos análogos à noção de contemporaneidade, pensada por Giorgio Agamben, em *O que é o contemporâneo e outros ensaios* (2009).

Como tributário de uma tradição filosófica que se estende de Nietzsche a Benjamin, Agamben (2009) propõe o conceito de contemporâneo, partindo de três aproximações essenciais para nossa análise. A primeira diz respeito ao caráter “intempestivo”, do contemporâneo, referindo-se à expressão de Roland Barthes. A segunda, à condição da multiplicidade temporal, recorrendo à metáfora do “dorso do tempo fraturado”, proposta por Walter Benjamin (1985). E, por fim, a terceira, a metáfora ocular, que se refere à condição multifacetada que nosso olhar *a priori* tem e que é intensificada pelo surgimento e crescimento dos centros urbanos.

Agamben (2009), reconhecendo a multiplicidade inerente ao escopo reflexivo subjacente à designação “contemporâneo”, postula que a inexactidão e o anacronismo são provenientes de um processo que se quer como percurso, nunca como fim hegemônico e unívoco acerca da história. Com isso, entender o percurso sinuoso da relação de revisão sobre o conceito de história imbricado na complexa rede do movimento reflexivo da contemporaneidade pressupõe pôr em evidência o reconhecimento das aporias que se interseccionam: “Contemporâneo é aquele que recebe em

pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo” (AGAMBEN, 2009, p. 64).

O teórico faz um amálgama das questões levantadas para reafirmar o vínculo indissociável entre passado e presente, enfatizando que esse olhar em busca de uma leitura do passado está amparado em uma perspectiva crítica, e por isso, constitui o que se chama de contemporaneidade quando se “percebe no mais moderno e recente os índices e as assinaturas do arcaico pode dele ser contemporâneo” (AGAMBEN, 2009, p. 69). Na sequência desta passagem, o autor continua, realizando uma ressalva importante que resguarda a relação intrínseca entre o arcaico e a *arké*/origem sem que se entenda esta relação como uma forma de essencialismo. Pelo contrário, é deste entrelaçamento entre arcaico e *arké*, na ressalva de uma negação a um tempo cronológico, que emerge o devir do presente como forma de rasura nos discursos hegemônicos e totalizadores. Podemos, a esta altura da reflexão, vislumbrar uma relação tênue entre a contemporaneidade e os usos críticos da memória no presente, favorecendo o debate da ética no presente. Observemos, pois, a continuação do fragmento acima mostrado:

Arcaico significa: próximo da *arké*, isto é, da origem. Mas a origem não está situada apenas num passado cronológico: ela é contemporânea ao devir histórico e não cessa de operar neste[...] entre o arcaico e o moderno há um compromisso secreto, [...] porque a chave do moderno está escondida no imemorial e no pré-histórico. [...] (AGAMBEN, 2009, p. 69)

Depreendemos do olhar agambeniano que o conceito de contemporâneo é um conceito que não se pode rotular em uma única definição, dado que ele é, antes de mais nada, uma maneira de contemplar a diferença no âmbito do próprio discurso, como forma de autorreflexividade. É por este motivo que, dentre outras possibilidades, chamamos de literatura contemporânea o tipo de escrita criativa que permite um questionamento de valores categóricos, isto é, os essencialismos muitas vezes repetidos por um discurso de prestígio ou disseminados no bojo do senso comum. É justamente na esteira de uma autorreflexão, presente já nas indagações da primeira estrofe, que o poema acima pode ser compreendido como um empreendimento autorreflexivo, constituindo uma das linhas de força de uma escrita calcada no binômio dizer x pensar. Esse binômio abre um precedente de leitura tanto no poema, quanto nas duas crônicas a serem aqui estudadas: trata-se de um uso crítico da memória – sobre o qual não nos estenderemos, disponibilizando, para isso, o modelo final da dissertação, em que empreendemos algumas considerações sobre a noção dos lugares de memória (NORA, 1984). Importa-nos dizer que

esse caráter de sondar no passado aquilo que é fruto de um processo mental de reflexão – o momento de relampejo de que trata Benjamin (1985), em seu ensaio denominado “Notas sobre o conceito de história” – é o cerne da operação discursiva deste eu lírico. É justamente essa operação crítica da linguagem, ao mesmo entrelaçada com o fluxo do rio, das águas, no poema, e ao fluxo da memória, que desenlaça a mirada de Milton Hatoum de uma ‘reescrita da história’, para retomar o título deste capítulo. Este empreendimento não tem um ponto de alcance unívoco, em retrospectiva. Pelo contrário, assume o risco de reordenar o caos irrecuperável de um passado perdido, de dor e perdas, como é o caso do poema. Por fim, cabe apontar que é justamente o arco temporal existente no ensaio, aquele que se estende do século XVI ao XX, que abre o livro de imagem e poesia – ambientando-os, dando-lhes o tom – que recobrirá, posteriormente, todo o pano de fundo temporal das narrativas do escritor, denotando claramente um projeto literário intencional fundados em algumas preocupações específicas, dentre as quais as aqui retratadas.

A força deste poema, ao lado dos paratextos que o cercam, instaura alguns elementos recorrentes em toda a poética do autor, conforme assinalamos de maneira mais ampla na dissertação de Mestrado “Campo intelectual e projeto literário: as crônicas de Milton Hatoum na revista *EntreLivros*”, traçando correlações dos desdobramentos dessas técnicas literárias que emergem deste livro de poesia com os romances e com as primeiras crônicas de Milton Hatoum.

Passamos, pois, às considerações sobre a crônica aqui enfocada, tendo a atenção espacial na correlação entre estratégias literárias recorrentes nesta narrativa e no poema analisado. Sublinhamos três questões essenciais, que nos auxiliarão no caminho comparativista que desaguará em uma proposta de interpretação acerca do modo como o autor se posiciona no campo literário como escritor; são elas: a existência de precursores, que marca um vínculo a uma tradição literária; a construção de uma linguagem autorreflexiva, que toma a ambiguidade entre os índices do real e os do imaginário como elemento intensificador da ficcionalização, instaurando aquilo que acima denominamos como uma operação da linguagem amparada no binômio dizer-pensar; e, por último, uma preocupação ético-planetária latente nas produções do escritor.

### 3. *Entre o campo literário e intelectual: um caminho para compreensão do projeto literário de Milton Hatoum*

Escritor de romances estudados, premiados e adaptados para outras mídias, Milton Hatoum é uma das vozes que avultam com evidência na cena literária da contemporaneidade. Dentre alguns fatores de validação do escritor no meio literário, estão a editoração que o publica, Companhia das Letras, e a grande quantidade do público especializado que tem lançado um olhar crítico para sua obra. Nesse sentido, sobre suas obras romanescas há uma ampla e instigante fortuna crítica, que cada vez mais tende a aumentar, haja vista a multiplicidade de leituras críticas que a escrita de Hatoum instaura. Todavia, no que tange às crônicas, há pouco material de estudo para uma produção que tem sido recorrente desde 2005<sup>2</sup> e que reflete uma face interessante de sua poética. Sobre as crônicas da revista *EntreLivros*, os únicos trabalhos existentes são os de nossa autoria<sup>3</sup>, dentre eles a dissertação “Campo intelectual e projeto literário: as crônicas de Milton Hatoum na revista *EntreLivros*”, defendida na FFP-UERJ em setembro de 2019. Isso evidencia a relevância de trazer para discussão uma reflexão que pense parte do projeto literário de Milton Hatoum sobre esse trabalho com a escrita de crônicas do autor e, neste caso, em cotejo com o livro de poesia acima discutido.

Para este empreendimento, faz-se necessário uma reflexão breve sobre os conceitos dos campos literário e intelectual, seguida da leitura cerrada da crônica aqui enfocada. Essa investida teórica será ainda mais conveniente, quando assinalarmos que o narrador de tal crônica, “‘A parasita azul’ e um professor cassado” (HATOUM, 2005a), mantém um

---

<sup>2</sup> Neste suporte, Hatoum iniciou a publicação em sequência no gênero crônica. Desde então publicou no site *Terra Magazine*, no *Estadão*, onde publica até então, e reuniu em livro um conjunto de crônicas oriundas dessa trajetória, cujo título é *Um solitário à espreita* (2013).

<sup>3</sup> São eles: “Campo literário e paratopia do escritor: uma leitura crítica das crônicas de Milton Hatoum” (GREMIÃO NETO, 2014a); “O arquivo literário e as imagens do escritor nas crônicas de Milton Hatoum” (GREMIÃO NETO, 2014b); “O escritor no campo literário: um estudo das crônicas de Milton Hatoum” (GREMIÃO NETO, 2014c); “Relações de força do campo literário: um estudo das crônicas de Milton Hatoum” (GREMIÃO NETO, 2014d); “Inventário da memória: a recriação poética em Milton Hatoum” (GREMIÃO NETO, 2015a); “O rastro da história nas narrativas de Milton Hatoum” (GREMIÃO NETO, 2015b); “Experiência e memória: retalhos da história na poética de Milton Hatoum” (GREMIÃO NETO, 2016a); “Na espreita da linguagem: Milton Hatoum, cronista” (GREMIÃO NETO, 2016b) e “Entre ruínas: experiência e memória na prosa de Milton Hatoum” (GREMIÃO NETO, 2016c).

diálogo com crenças e posicionamentos do escritor, remontando aos processos de elaboração da escrita. A começar pelo posicionamento do narrador – que assume uma posição, em alguns momentos, de ensaísta – veremos que o recurso à estratégia da autorreflexividade<sup>4</sup> da escrita endossa a existências de dissidências e ambiguidades existentes no jogo de ficcionalização. Portanto, uma escrita que pensa sobre si mesma abre um precedente de reflexão para o leitor sondar as marcas recorrentes da escrita desses narradores-ensaístas-escritores de tal crônica, sem que isso implique espelhar autor e narrador, criando uma correlação direta entre ambos. Trata-se, antes de mais nada, de pensar o narrador como uma estratégia ficcional que descortina crenças e posicionamentos do próprio autor, considerando a ambiguidade entre índices do real e do ficcional como aspecto intensificador das possibilidades interpretativas. Passemos, pois, às considerações de Bourdieu (1968) e Maingueneau (2001).

Partindo de uma correlação com a dimensão semântica do “campo magnético”, Bourdieu (1968, p. 105) sugere a nomenclatura de “campo intelectual” para abarcar uma série de relações que se desdobram nos níveis da editoração, das instituições acadêmicas, que regem parte da crítica e os estudos em torno da literatura, bem como outros agentes que, em menor escala, podem interagir para que uma determinada obra seja mais ou menos abordada em debates, mais ou menos lida, mais ou menos divulgada entre determinado grupo de leitores. O campo intelectual pode ser entendido como um conceito amplo, dentro do qual se situa a noção de campo literário, que está subordinado ao campo cultural. Segundo Bourdieu:

Irredutível a um simples agregado de agentes isolados, a um conjunto aditivo de elementos simplesmente justapostos, o *campo intelectual*, da mesma maneira que o campo magnético, constitui um sistema de linhas de força: isto é, os agentes ou sistemas de agentes que o compõem podem ser descritos como forças que se dispoem, opondo e compondo, lhe conferem sua estrutura específica num dado momento do tempo. (BOURDIEU, 1968, p. 105) (grifos do autor).

---

<sup>4</sup> O caráter da autorreflexividade existe naqueles textos que, ao apontarem para suas próprias bases constitutivas, abrem lacunas diversificadas com a criação de ambiguidades que convidam o leitor a fazer passeios inferenciais que não forjam uma verdade; pelo contrário, no lugar de uma verdade, o leitor precisa, em muitos casos, acompanhar o movimento sinuoso da escrita, inserindo-se no devir por esta instaurado. A partir de então, há um campo de possibilidades necessariamente aberto ao leitor atento, as quais se apresentam como intensificadoras do potencial de representação, isto é, de uma representação compromissada com as dissidências, as dúvidas e as diferenças.

Como visto, há uma dimensão plural análoga às nomenclaturas de campo intelectual, literário e, em maior escala, cultural. Essa pluralidade foi um dos fatores diferenciais que corroboraram a teoria pós-estruturalista<sup>5</sup>. Nesse quesito, dentre as diferentes aberturas propiciadas por esta corrente, a ideia de um “campo” para áreas supracitadas permite uma abertura de cunho sociológico importante, já que faz transparecer a natureza complexa e conflituosa – nunca preconicionada, preestabelecida ou ilusoriamente ordenada – das relações de força que coexistem dentro dos limites deste(s) campo(s). Isso nos endereça para a temática do projeto de autoria, bem como para as relação que os autores buscam com o campo na constituição de seus projetos literário e intelectual. Maingueneau (2001) coloca em debate essas questões que remontam à autoria à medida que passa a considerar aquilo que orbita o texto literário e o contexto da enunciação, sendo a vida e a escrita partes dessa articulação semântica da obra nos campos. Logo, a figura demiúrgica do autor, bem como a noção da obra como espelhamento das emoções ou das vontades do autor, cede lugar, nas leituras que se querem minimamente críticas, a um entendimento de que outros agentes e circunstâncias até então negligenciados por boa parte da crítica, do senso comum e da própria academia são partes que integram a enunciação de um bem cultural, de uma obra de arte. Nos termos de Maingueneau, é colocado em discussão uma “[...] remodelagem da noção de contexto [que] implica igualmente demarcar-se da representação da criação literária que se impôs desde o romantismo” (MAINGUENEAU, 2001, p. 19).

Ao trazer para discussão a noção de campo literário, Dominique Maingueneau propõe uma série de designações que, em nosso entendimento, são essenciais para expandir o leque reflexivo acerca de tudo que ronda o texto literário, interagindo com ele e sendo, também, os pilares de sua construção.

Um desses conceitos é o de ‘ritos de escrita’, proposto em paralelo com o de ‘ritos genéticos’. Ambos os conceitos se referem ao entrelaçamento entre vida e escrita, no sentido de que há posturas do autor em

---

<sup>5</sup> O pós-estruturalismo se caracteriza como um movimento reflexivo das Humanidades surgido na década de 60 na França e, desde então, refletido, relido e reapropriado em diversos contextos. Ainda que o movimento não tenha surgido com esta nomenclatura e com uma intencionalidade enquanto um movimento reflexivo coeso de um conjunto específico de ideias, o pós-estruturalismo caracteriza-se, de modo geral, por ser uma atitude crítica aos pressupostos tradicionais da metafísica, do logocentrismo em que o sujeito era centralizado.

pírico que partilham para as implicações da obra, assim como existem inscrições do escritor, incluindo-se aí o vínculo, como é o caso de Hatoum, entre obras distintas e entre índices da vida que se fazem similares no jogo intencional de ficionalização da escrita. Enquanto os *ritos genéticos* correspondem às ações, aos hábitos do escritor que emergem durante o processo de composição de uma obra, os *ritos de escrita*, que podem ser encarado como uma subcategoria alocada no *ritos genéticos*, correspondem aos trabalhos autorais diretamente ligados aos textos, dentre os quais figuram as correções, os rascunhos, bem como outras ações de cunho editorial. Se, conforme nos ensina Maingueneau (2001, p. 53), os *ritos genéticos* correspondem a um “conjunto da existência do autor”, apresentando um estatuto duplo, seja como realidade histórica, seja como sintoma das posições estéticas que fundamentam a obra, é possível depreender que “não existe portanto gesto “bio/gráfico” cujo significado seja independente das reivindicações estéticas que fundamentam uma obra” (MAINGUENEAU, 2001, p. 56).

As crônicas da *EntreLivros*, em especial a aqui enfocada, reiteram esse diálogo profícuo entre vida e escrita, porque trazem o posicionamento de narradores especializados nos assuntos da matéria literária sobre a própria constituição de suas escritas, instaurando um metatexto.

Em “‘A parasita azul’ e um professor cassado” (HATOUM, 2005a), apresentam-se aspectos marcantes presentes em todas as outras crônicas em menor ou maior grau: experiências de leitura idênticas às que o autor afirma, em entrevistas diversas, ter tido e, paralelamente, reflexões acerca da importância de leituras de precursores literários na vida de um escritor, como é o caso do próprio narrador.

O narrador traz à baila a importância da leitura para a formação de um escritor, sugerindo que os rumos de sua crônica, até então indagativa sobre a labuta de um escritor, entrarão em choque com a própria experiência deste narrador como escritor, que, por sua vez, remete às experiências de Hatoum como escritor. Observa-se, portanto, que a experiência pessoal deste narrador, entrelaçada à sua percepção crítica sobre a prática da escrita literária, é o eixo basilar da escrita desta crônica, que é conduzida em primeira pessoa, por um narrador autodiegético, uma vez que este, para tratar criticamente do fazer literário, traz à baila suas percepções acerca dos caminhos que o conduziram ao ofício de escritor.

É nesse prisma que o narrador, em um olhar retrospectivo direcionado à sua infância, mais especificamente, para quando tinha 13 anos,

revelará a importância da leitura de Machado de Assis, possibilitada pela compra de um volume com a obra completa do autor e pela convivência com um professor, quando tinha 13 anos – eventos estes que coincidem com relatos de Milton Hatoum acerca das influências do passado em sua escrita<sup>6</sup>.

É imprescindível abrirmos um parêntese para apontarmos que essas experiências de leitura são retomadas em outras crônicas do volume, especialmente em “Machado para o jovem escritor” (2007j), quando o narrador, vestido com a armadura da voz do escritor, faz uma referência à crônica de abertura do volume para discutir não apenas a importância da leitura crítica de mundo que a obra de Machado conclama, mas também questões atreladas à própria leitura crítica, muitas vezes inviabilizada por uma postura rígida de um professor, como foi o caso: “O texto inaugural desta coluna na *EntreLivros* intitula-se “A parasita azul e um professor cassado” [...] Mais de dois anos depois, volto aos contos de Machado para dialogar com os professores” (HATOUM, 2007j, p.46) (grifos do autor). Ainda nesta crônica, a figura de Euclides também é uma das peças chave no quesito precursores.

No enredo, observamos que, ao escolher aleatoriamente um dos livros que sua mãe comprara de um “mercador de palavras” na “cidade equatorial”, este narrador se depara com *Histórias da meia-noite*, título descrito como enigmático. Depois de ler o conto que dá nome à parte da crônica que escreve, “A parasita azul”, o narrador hatouniano reconhece não ter captado as ironias e jogos simbólicos que o texto machadiano conclama, concluindo que esse tipo de leitura também é importante para captar formas de organização da narrativa e disposição dos personagens.

---

<sup>6</sup> Em duas entrevistas disponíveis online, Milton Hatoum revela experiências similares de leitura neste momento de transição entre a infância e juventude. Em conversa com as graduandas Feliciano e Barbosa (2016, p. 131), o escritor, ao ser questionado sobre a origem de sua “inspiração” para escrever *Dois Irmãos* (2000), diz que baseou-se na obra de Machado *Esau e Jacó*. Hatoum afirma: “nos anos 70, eu me apaixonei por esse romance do Machado, por toda a obra do Machado, **eu li os contos do Machado lá atrás**, em Manaus” (grifos nossos). Já em entrevista ao portal do MEC – que só é possível ser acessada por meio do seguinte link, já que na página do próprio Mec o arquivo não abre: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/Revisao-T.Graciliano-Milton%20Hatoum.pdf> – Milton Hatoum(s.d.) diz o seguinte acerca de Graciliano Ramos: “Um dos primeiros livros que eu li quando eu estava no ginásio amazonense, o Colégio Pedro II, de Manaus, foi *Vidas Secas*. Eu tinha uns 13 ou 14 anos e fui obrigado a ler também trechos de *Os Sertões*. Digo fui obrigado, porque naquela época a leitura de *Os Sertões* foi fruto de uma punição de um professor”.

Traçando o caminho de leituras que percorrera na sequência, surgem Coelho Neto e José Américo de Almeida como autores de uma escrita cuja leitura foi tediosa, o que o faz definir o prazer como elemento essencial para aguçar a curiosidade e o conhecimento de um escritor em formação. Esta é a conexão entre a segunda experiência de leitura essencial deste narrador: também aos 13 anos, no ginásio amazonense Pedro II, fora obrigado a ler, como forma de castigo, trechos de *Os Sertões*, o que o levou a pedir ajuda de um professor, que tinha uma biblioteca em um porão, repleta de livros, e que fora cassado pela ditadura militar brasileira de 1964:

Eu e um colega ginasiano passamos tardes inteiras assistindo as lições sobre a obra de Euclides. Descobrimos um outro Brasil, tão diferente do Amazonas e ao mesmo tempo profundamente ligado à região onde nasci e cresci, pois desde a década de 1870 milhares de nordestinos haviam migrado para o Acre e para as cidades da Amazônia [...] Voltei várias vezes ao subsolo para ler *Os Sertões*, e saía de lá com livros que o professor me emprestava e depois comentava com paixão. E três décadas depois, voltei como um viajante imaginário, pois esse professor foi uma das fontes de um personagem de romance (HATOUM, 2005a, p. 28)

No bojo das considerações que este narrador faz sobre sua construção como leitor, encontram-se as experiências marcantes que apontam para uma dimensão ética: seja no conhecimento do Brasil pluralizado, de um Amazonas entrecortado pelo trânsito de migrantes que buscavam condições de subsistência, seja por uma memória da ditadura, que vai reverberar no universo ficcional deste narrador-escritor, é possível identificar algumas relações entre ética e estética.

O mote da crônica, que se instala com a pergunta retórica do narrador “De onde vem o desejo de escrever?” (HATOUM, 2005a, p. 27), somado ao que foi exposto, aponta na direção de marcas entre os ‘ritos genéticos’ e ‘os ritos de escrita’, de modo a culminarem na autorreflexividade do texto: a crônica que tem um narrador, cujas experiências são propositalmente similares às do autor empírico, versando sobre sua enunciação, tal como no poema analisado no capítulo 2 a voz do eu-lírico se presentificava à medida que o fluxo do Rio era, também, o fluxo da linguagem construída pelo que denominamos de narrar/pensar.

#### **4. Conclusão**

Se considerarmos que, por um lado, Milton Hatoum, enquanto escritor de ficção, promove uma intertextualidade com os escritos de Eu-

clides já nesta primeira obra e, por outro, que, do prisma de sua atuação como intelectual, também enxerga em Euclides uma referência importante<sup>7</sup>, foi pertinente afirmar que o diálogo com precursores literários no jogo metatextual é uma marca presente em seu projeto de autoria, como vimos ratificado na análise da crônica e no poema analisado. Esta marca também funda um comportamento do escritor no campo literário, à medida que Hatoum insere-se em uma certa tribo<sup>8</sup> literária, para trazer o termo de Dominique Maingueneau (2001, p. 29), assinalando, assim, sua formação como leitor e escritor.

No tocante às dimensões temáticas da obra de Hatoum, é possível dizer que a contemporaneidade reside no lastro dialógico Mikhail Bakhtin (2011) presente desde a primeira produção: *Amazonas*: palavras e imagens de um rio entre ruínas (1979), até as obras posteriores, com maior evidência para as crônicas da revista *EntreLivros*. Como visto, na primeira, já na abertura, deparamo-nos com um breve ensaio poético que se debruça sobre a história da exploração/ espoliação de Manaus desde o século XVI até o século XX. No poema de abertura, “Rio entre ruínas”, o mesmo tema é colocado em evidência, o que já revela uma escolha do escritor. Vale dizer que, mais tarde, em seus romances, uma das investidas estéticas de Hatoum foi uma incursão ficcional pelo universo da história da cidade de Manaus, de maneira a (re)compilar os estatutos do discurso histórico. Outro fator preponderante observado foi a presença de Euclides da Cunha como um precursor importante para Hatoum, sendo uma figura presente na obra de poesia de estreia de Hatoum e na sua crônica da *EntreLivros* analisada. Essa incursão é um dos fatores que nos

---

<sup>7</sup> Ainda que Milton Hatoum aponte algumas contradições e problemáticas de certas reflexões euclidianas, tal como fez, por exemplo, em seus ensaios intitulados “A dois passos do deserto: visões urbanas de Euclides da Cunha” (HATOUM, 2000) e “Expatriados em sua própria pátria” (2002), este jornalista, ficcionista e filósofo, Euclides da Cunha, é um referencial importante para Hatoum, principalmente no que tange a dois eixos reflexivos de seus escritos: a região Norte e uma proposta de desconstrução dos discursos históricos hegemônicos.

<sup>8</sup> Termo recorrente em Dominique Maingueneau (2001; 2006) que designa um grupo de escritores dos quais um determinado autor é tributário, buscando uma filiação para se inserir dentro de uma cadeia discursiva da qual fazem parte este *rol* de literatos e, assim, afirmando uma posição no campo literário. No caso de Milton Hatoum, como veremos mais à frente, outros autores entram na lista de escritores com os quais podemos traçar uma aproximação, a partir tanto de falas do escritor, quanto das inferências que faremos na análise de suas obras.

fazem conciliar o estatuto de contemporaneidade com a primeira produção hatouniana, que abriu caminho para outros trabalhos do autor.

No âmbito das crônicas, há uma estratégia importante ligada à noção debatida; trata-se da esfera do metadiscorso<sup>9</sup> que, associada ao aspecto autoficcional, bem como à hibridização do gênero (crônica, ensaio, conto), cria um vínculo com o conceito de contemporaneidade. Ao possibilitar essas incursões reflexivas, a poética hatouniana representada pelo recorte aqui assinalado, opera no sentido de “[...] investigar as interações entre práticas em seus atravessamentos múltiplos e parciais, ficionando um percurso lacunar, sem origem ou fim [...]” (COSTA; FONSECA, 2007, p. 112).

A conjuntura de criticidade que se pode observar na literatura hatouniana, sobretudo no conjunto de crônicas aqui focado, representado por “ ‘A parasita azul’ e um professor cassado”, presentifica-se na medida em que esta produção do autor, citando Susana Scramim (2007, p. 16), “[...] assume o risco inclusive de deixar de ser literatura, de fazer com que a literatura se coloque num lugar outro, num lugar de passagem entre os discursos [...] que não devem ser confundidos [...] com a circunscrição de um território para a literatura”. Nesse sentido, por depararmos com escritas que fazem da autoconsciência estética pressuposto para congregar, de maneira indissociável, conhecimento e experiência, trilhamos um caminho que se enviesa com as reflexões de Dominique Maingueneau, tanto no *Contexto da obra literária* (2001), quanto no *Discurso literário* (2006). No viés de uma abordagem sociológica da literatura, que interseccione ‘texto e contexto como elementos indissociáveis’, situamos as discussões certo de que seu fluxo é aquele expresso pelo eu lírico hatouniano: fluxo ininterrupto de um rio de reflexões que coloca a si mesma sob enfoque, sendo, esta reflexão, antes uma chave de leitura do que a verdade sobre as obras analisadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Chapecó-SC: Argos, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

---

<sup>9</sup> Consultar nota sobre autorreflexividade.

BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. In: POUIL-LON, Jean (Org.). *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. p. 105-45

COSTA, Luis Artur; FONSECA, Tânia Mara Galli. Do contemporâneo: o tempo na história do presente. In: *Arq. bras. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 59, n. 2, p. 110-119, dez. 2007. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672007000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672007000200002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 03 ago. 2019. Acesso em 20 jul. 2019.

FELICIANO; BARBOZA; HATOUM. *Entrevista com Milton Hatoum*. [Entrevista de Milton Hatoum concedida a Daviana Cassiano e Letícia Barboza] *Claraboia*, Jacarezinho, v. 5, pp. 129-35, 2016.

GREMIÃO NETO, Aídes José. Entre ruínas: experiência e memória na prosa de Milton hatoum. *XII Seminário Nacional de Literatura, História e Memória e III Congresso Internacional de Pesquisa em Letras no Contexto Latino-Americano: o entre-lugar latino-americano: ficção, memória e história*, v. 1. p. 1, 2016, Cascavel., 2016a.

\_\_\_\_\_. Experiência e memória: retalhos da história na poética de Milton Hatoum. Rio de Janeiro ensaios. In: OLIVEIRA, Paulo César S.; CARREIRA, Shirley de S. G.. (Org.). *Memória, Identidade e Cultura*: Unia-beu, 2016b, v. 1, p. 1-146. Disponível em: <<http://www.uniabeu.edu.br/labmemi/wp-content/uploads/2014/02/Memoria-identidade-cultura-ensaios-Shirley-Carreira-Paulo-C.-Oliveira-Andrea-Pessanha.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. Na espregida da linguagem: Milton Hatoum, cronista. *Ao Pé da Letra* (UFPE. *Online*), v. 18, p. 129-135, 2016c.

\_\_\_\_\_. Inventário da memória: a recriação poética em Milton Hatoum. In: *XI Seminário de Estudos Linguístico e Literário do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, 2015, São Gonçalo. Realismos: novo realismo, neo-realismo, realismo oitocentista*, p. 1-138. São Gonçalo: Faculdade de Formação de Professores, 2015a.

\_\_\_\_\_. O rastro da história nas narrativas de Milton Hatoum. In: OLIVEIRA, Paulo César S. (Org.). *Estudos de literatura, hoje: I Seminário Interno de Estudos do Presente do Grupo 'No aqui e agora' (I SIEP)*, v. 1, p. 1-102, 1. ed. São Gonçalo: Faculdade de Formação de Professores da UERJ, 2015b.

\_\_\_\_\_. Campo literário e paratopia do escritor: uma leitura crítica das crônicas de Milton Hatoum. In: *Mafuá*. v. 22, p. 1-13, Santa Catarina, 2014a.

\_\_\_\_\_. O arquivo literário e as imagens do escritor nas crônicas de Milton Hatoum. In: *V Seminário de Estudos Literários*, n. 5, 2014, São Gonçalo, 2014b, *Anais do V seminário de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários...*, p. 7-15. São Gonçalo: Faculdade de Formação de Professores, 2014.

\_\_\_\_\_. O escritor no campo literário: um estudo das crônicas de Milton Hatoum. *Alumni- Revista Discente da UNIABEU*. Rio de Janeiro, UNIABEU, v. 4, p. 1-10, 2014c. Disponível em: <<http://revista.uniabeu.edu.br/index.php/alu/article/view/1730>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. Relações de força do campo literário: um estudo das crônicas de Milton Hatoum. In: *3º Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários*, n. 3, 2014, Maringá, PR. *Anais de Estudos Literários...*, online, 2014d, p. 1-4. Disponível em: <<http://www.uniabeu.edu.br/labmemi/wp-content/uploads/2014/02/21-Artigo-Cielli-Aides-Gremiao-2014.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. Revisitando a Crítica Literária: Pensando Percursos. In: *Alumni-Revista Discente da UNIABEU*, v. 1, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://revista.uniabeu.edu.br/index.php/alu/article/view/1308>>. Acesso em: 04 dez. 2018.

HATOUM, Milton *et al.* *Amazonas: palavras e imagens de um rio entre ruínas*. São Paulo, o Autor, 1979.

\_\_\_\_\_. ‘A parasita azul’ e um professor cassado. *EntreLivros*, São Paulo, ano 1, n. 1, maio 2005a, p. 26-27.

\_\_\_\_\_. *Dois Irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. Expatriados em sua própria pátria. In: *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 13-14, Rio de Janeiro, Instituto Moreira Sales, 2002, p. 318-339.

\_\_\_\_\_. Machado para o jovem leitor. *EntreLivros*, São Paulo, ano 3, n. 30, outubro 2007j, p. 46-47.

\_\_\_\_\_. *Um solitário à espreita*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História: Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, 1981, p. 7-28.

SCRAMIM, Susana. As ruínas amazônicas. In: *Babel: revista de poesia, tradução e crítica*, N. 1, jan./abril, 2000, p. 23-31.

\_\_\_\_\_. *Literatura do presente: história e anacronismo dos textos*. Chapecó: Argos, 2007.

\_\_\_\_\_. O livro-mundo. Milton Hatoum e a literatura do presente. In: *Teresa: Revista de Literatura Brasileira*, n. 10-11, Literatura Brasileira do Presente: Tendências, 2010, p. 218-38.